

O ENSINO DE HISTÓRIA E A ORALIDADE EM UMA ESCOLA DESTRUÍDA POR UM CRIME AMBIENTAL¹

*Silvany Diniz Ferreira*²³

Resumo

Esta comunicação apresenta minha pesquisa de mestrado em História, a qual tematiza o ensino de questões sensíveis na disciplina História, tomando como marco o processo educacional promovido na Escola Municipal Bento Rodrigues, cidade de Mariana-MG. Como professora de História, atuei por mais de 20 anos nas escolas que atendiam os moradores do subdistrito. Após o rompimento da Barragem de Fundão, em 2015, Bento Rodrigues foi soterrado por uma avalanche de lama. A Escola foi transferida para a sede urbana, com os estudantes e suas famílias defrontando-se com o desafio de conviver com a desterritorialização, com a subsequente perda de referências culturais e sensibilidades de impotência e angústia. Através da concepção de “questões sensíveis”, entendida como a problematização crítica, ética e afetiva de situações-limites, visou elucidar condições pedagógicas e epistêmicas para que o ensino de História se mostre mais significativo na conjuntura vivenciada naquela instituição escolar. Essa concepção, por sua vez, confere grande importância aos discursos testemunhais, conduzindo meu estudo para promoção de entrevistas com estudantes e funcionários da Escola e comunidade sobre o processo de sua “reinvenção”. A história oral apresenta-se, portanto, como um recurso fundamental à interpretação, no reconhecimento dos entrevistados como sujeitos de uma resistência e de uma re-existência diante de poderes econômicos transnacionais, via acionamento de memórias e da afirmação da dimensão patrimonial dos saberes e fazeres relativos a Bento Rodrigues. Simultaneamente, a pesquisa visa tornar tais discursos uma das fontes para um auto-reconhecimento identitário da comunidade, num processo co-participativo de elaboração de sua própria história, tornada assim uma narrativa histórica efetivamente pública. Por essa oportunidade eu agradeço o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e da UFOP pelo apoio recebido.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático 08 – História Pública e Oralidade durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo. "O trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e da UFOP.

² Mestranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: silvany.ferreira@aluno.ufop.edu.br

³ Agradeço à professora Virgínia Buarque, minha orientadora no Mestrado em História na Universidade Federal de Ouro Preto, a revisão crítica deste texto.

Palavra-chave

Memória; oralidade; escola pública; questões sensíveis; Bento Rodrigues.

Escrever sobre o ensino de história e a oralidade em uma Escola que foi recentemente destruída pelo que foi considerado um enorme crime ambiental não é uma tarefa fácil. Estamos nos referindo ao ensino de história na Escola Municipal Bento Rodrigues, que se localizava no subdistrito de mesmo nome, no município de Mariana, estado de Minas Gerais, até o dia 5 de novembro de 2015, quando foi abruptamente soterrada por uma enxurrada de lama provinda do rompimento da barragem de Fundão. Essa estrutura de contenção de rejeitos é de propriedade das mineradoras Samarco/Vale e BHP Billiton, e sua ruptura derramou cerca de 43 milhões de m³ de rejeitos ao longo da Bacia do rio Doce, especialmente sobre os rios Gualaxo do Norte e Rio do Carmo (SILVA; FERREIRA; SCOTTI, 2015), deixando 19 vítimas e atingindo 36 municípios de Minas Gerais e 3 municípios do Espírito Santo, trazendo perdas imensuráveis aos vários tipos de vida que se encontravam no percurso.

Nesse cenário de grandes consequências ambientais, econômicas e sociais, é um enorme desafio descrever as dificuldades enfrentadas pela população atingida nas comunidades destruídas, que de forma repentina foi obrigada a se retirar do seu território, sendo despojada de seus modos de vida e de suas relações afetivas com a localidade. Foram bruscas as mudanças, pois os moradores de Bento – aí incluídos os alunos da Escola Municipal – foram realocados no centro urbano da cidade de Mariana. Desde então, passaram-se mais de 7 anos, e o processo de readaptação ainda é presente, com os moradores defrontando-se continuamente com a perda de referências culturais e de sociabilidade, além de lidarem com os sentimentos de impotência e de angústia que acompanham a desterritorialização.

Nesse contexto, a Escola Municipal Bento Rodrigues, que já era o lugar de aprendizados e de interação da comunidade (através de encontros, festividades, reuniões etc.), como é, aliás, recorrente na educação rural (HUNZICKER, 2020, p. 83), se tornou a partir do processo de desterritorialização, um dos principais lugares de convergência e reafirmação identitária dos moradores do distrito. Foi nesta perspectiva que a diretora da Escola Bento Rodrigues, Eliene Santos, que também era moradora desse subdistrito, insistiu na realização das mesmas festividades promovidas nesse estabelecimento escolar antes do rompimento da Barragem, ainda que com poucos recursos. Isso ocorreu,

inclusive, quando a Escola estava provisoriamente alocada em um prédio com outras duas escolas, onde atualmente funciona a Escola Municipal Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, no alto do bairro Rosário, na sede urbana de Mariana:

A festa foi ótima! Poder rever a maior parte do pessoal e estar ali conversando com cada um foi importante. Todos sentiram isto. Além de tudo, a ideia de ser uma festa comunitária foi muito boa. Conversei com cada um pouco. Todos falavam a mesma coisa, que estava sendo bom todos juntos. Teve até comentários que parecia as festas de Bento. As crianças também se divertiram. Terminamos com uma quadrilha. Adultos e crianças dançando juntos. Foi só felicidade. (Depoimento de Andreia Sales, apud A SIRENE, jun. 2016).

A minha pesquisa visa refletir sobre as especificidades da construção de um saber histórico na Escola Municipal de Bento Rodrigues antes e depois do rompimento da barragem de Fundão, momento em que o prédio dessa instituição educacional foi materialmente arrasado, seguido pela transferência de alunos e professores para a sede urbana do município de Mariana. Destaco, em especial, a importância e os desafios da abordagem de questões sensíveis no ensino de história, vinculado ao papel da oralidade nesse processo.

1. O reconhecimento do patrimônio local a partir da abordagem de questões sensíveis

Atuo como professora de história na educação básica de Mariana desde 1998, lecionando desde 2002 no distrito de Santa Rita Durão e em seu subdistrito Bento Rodrigues. Logo me reconheci morando e ensinando em um território considerado patrimônio histórico (Mariana foi a primeira cidade de Minas Gerais) e arqueológico (o município sedia locais como o Abrigo de Mirandinha, em que foram encontradas pinturas rupestres de milhares de anos) (JOSÉ, 1965, p. 19; 28; ICOMOS, 2019, p. 25). Em paralelo, a cidade possui uma universidade, instituições de ensino básico e superior, produções artesanais e artísticas de referência na região. Mas se tais elementos conferem um certo reconhecimento midiático e acadêmico ao município, o mesmo geralmente não ocorre com seus distritos, apesar dos mesmos serem dotados de uma história e expressões culturais também bastante relevantes. Essas comunidades rurais, ao contrário, não raramente são pouco cuidadas pelos poderes públicos em termos de sustentabilidade de seus modos de vida e da identidade local.

Sem desconsiderar a importância das políticas públicas de patrimonialização principalmente para o reconhecimento, a preservação e a divulgação de bens culturais de natureza material e

imaterial, o que nos interessa aqui é provocar reflexões sobre os seus efeitos de sentido em aulas de história, evidenciando escalas possíveis para compreensão e alargamento dos horizontes de interpretação deste espaço múltiplo que é o de uma cidade ‘histórica’. Enquanto nos preocupamos em demasiado com a preservação do reclame de uma identidade mineira em grande parte vinculada ao período colonial, à sua opulência aurífera e à cultura barroca, desviamos a atenção – e os cuidados – para que outras histórias e suas memórias sejam conhecidas, fazendo habitar os solos nos quais aqueles que estão vivos produzem o real-histórico (BECHLER; PEREIRA, 2014, p. 86).

Não obstante, muitos estudantes de escolas situadas em distritos não atentam ou até depreciam o percurso histórico e cultural de suas comunidades, considerando-os “atrasados” frente às conquistas tecnológicas da modernidade, supostamente disponíveis em espacialidades características das grandes metrópoles, como os *shoppings centers*, as casas de espetáculo, os estádios etc. Contudo, um crime ambiental das proporções como o ocorrido em Bento Rodrigues acaba por mobilizar alunos e professores para a discussão das imensas perdas sofridas pela comunidade, com revalorização do seu processo de constituição na história.

Não se trata, porém, de uma reflexão simples, pois ela implica em alocar, dentro do currículo escolar, as chamadas “questões sensíveis”, as quais podem ser entendidas, como descreve Bondiá como uma experiência do “que nos passa, [d]o que nos acontece, [d]o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (2002, p. 17). Segundo a pesquisadora Verena Albert, 2014, o objetivo da abordagem das questões sensíveis é fazer uma reflexão de como foi possível chegar à essa situação.

[...] o ensino de questões sensíveis e controversas não tem como objetivo chocar ou apenas dar a conhecer eventos chocantes do passado. O objetivo é suscitar a reflexão dos alunos. É preciso saber passar de fase, nesse jogo: da sensibilização para a reflexão. Não adianta ficar chocado, só; com bolo no estômago, só. É preciso transformar o conhecimento em trabalho de reflexão: como foi possível chegarmos a esse ponto? Podemos dizer que as violações de direitos humanos e os horrores estão restritos a esse tema estudado? A tortura é um fenômeno restrito aos ‘porões da ditadura’? Aliás, por que se repete que ela acontecia nos ‘porões’ da ditadura, quando sabemos que ela acontecia a olhos vistos, no primeiro andar, no andar térreo, no segundo andar dos quartéis? E os casos que se repetem quase que diariamente no nosso país, de agentes do Estado violando os direitos humanos? (ALBERT, 2014, p. 3)

Assim, o trabalho didático em um ambiente atingido por uma experiência de padecimento histórico-social, em que os próprios educandos vivem situações de traumas,

precisa de ser muito bem elaborado: “organizar as aulas a partir de questões sensíveis ou temas controversos demanda tempo e estratégias pedagógicas” (GIL; MESQUISTA, 2020, p. 6).

Convém mencionar a argumentação do pesquisador Benoit Falaize (2014), quando ele descreve as dificuldades de trabalhar a Shoah em sala de aula – é preciso tanto não “sacralizar” o acontecimento (ou seja, confrontá-lo com um espírito crítico), como não o silenciar:

Como dar conta do irremediável? Como falar sobre o horror do sistema de concentração? Como abordar esta aula ‘não como as outras’ sensibilizando os alunos, sem reduzir a aula a um exercício de deploração? Como abordar o extermínio exercendo um espírito crítico e científico como risco de perder, na relação pedagógica a sua dimensão de indizibilidade? (FALAIZE, 2014, p. 233 e 234)

Nessa linha de pensamento, Falaize também alerta sobre outras dificuldades no tratamento de temas sensíveis na sala de aula: a vitimização dos sujeitos agredidos (como se não houvesse nenhuma forma de resistência por parte deles) ou a saturação dos alunos com o tema.

Outro aspecto importante a ser considerado nessa abordagem das questões sensíveis vivenciadas por uma comunidade pelo aprendizado escolar é que nem todos os docentes encontram-se dispostos a abordar tais tópicos, potencialmente controversos, na sala de aula. Isso ocorreu na Escola Bento Rodrigues após o rompimento da Barragem, quando uma parte dos professores tendeu a evitar tais questões. Uma das razões por trás dessa negação pode estar associada à sensibilidade do trauma que acompanhou a fuga do distrito para preservação da própria vida, seguida pelos dilemas da readaptação forçada em uma nova realidade urbana e escolar.

As realizações no campo do saber escolar obtidas através da abordagem de questões sensíveis mostram-se, a despeito dessas dificuldades intersubjetivas e pedagógicas, altamente gratificantes. Refletir sobre situações de injustiças a que se viram submetidos possibilitou aos alunos da Escola Bento Rodrigues criar as suas próprias narrativas e, paralelamente, se defender de discursos tendenciosos sobre o rompimento da Barragem com os quais convivem no cotidiano.

2. Estratégias de abordagem de questões sensíveis no ensino de História na Escola Bento Rodrigues

A intenção deste tópico é reconstituir os caminhos pedagógicos, no âmbito do ensino de história, por mim percorridos para abordar questões sensíveis com os estudantes e a comunidade escolar de Bento Rodrigues. Assim, ao mesmo tempo que procedo a uma autorreflexão, também compartilho com colegas professores e outros pesquisadores o debate contínuo de ressignificação da nossa prática. Por isso, este tópico não consiste em uma sequência de orientações, mas um questionamento sobre uma maneira de proceder ao ensino de História, na tortuosa conjuntura de produzir tal saber em parceria com crianças e adolescentes da comunidade de Bento a partir das vivências por eles sofridas e promovidas.

Um primeiro cuidado na abordagem de questões sensíveis na Escola Bento Rodrigues foi buscar criar um ambiente de aprendizado que suscitasse uma segurança emocional para os alunos dentro do cotidiano de sala de aula. Afinal, o processo de adaptação da Escola na sede urbana de Mariana está sendo longo e permeado de dor e ressentimento. A prática de escuta mostrou-se primordial, pois nossos alunos passavam por uma situação de alta vulnerabilidade, estavam em um processo de luto. Dessa maneira, a sala de aula se tornou um ambiente de acolhimento e espaço de encontro, já que os estudantes, então morando em bairros distantes, tinham na Escola o lugar de convívio. Os sentimentos e atitudes da sala de aula eram múltiplos. Havia momentos de desolação, de isolamento e de distanciamento (em alguns casos até de posturas agressivas); muitas vezes, os alunos que eram amáveis e respeitosos, se tornaram mais desconfiados, ressentidos e inconstantes. Todavia, em algumas raras ocasiões, tagarelavam e contavam longas histórias sobre a vivência na comunidade de Bento Rodrigues. A diretora Eliene dos Santos descreveu algumas atitudes dos alunos nos primeiros anos de adaptação:

Estamos tendo muita dificuldade com os adolescentes. Os adolescentes mudaram demais. Praticamente eu tenho 35 alunos do 6º ao 9º, praticamente a metade faz acompanhamento. O (Instituto) Crescer tem psicólogo, e tem esse tipo de atendimento. Os meninos estão mais agressivos. Semana passada eu tive três ocorrências com polícia militar, de ter que ir na delegacia fazer boletim... Isso com meninos de 12 anos, 13 anos, que não davam trabalho, andavam a cavalo, que nadavam, que pulavam o muro para ir nadar, que pulavam o muro para ir andar a cavalo... Mas era umas questões assim, mais fáceis e compreensíveis e a gente conseguia resolver. Agora eu estou achando um pouco mais complicado, a família perdeu um pouco do domínio com eles morando aqui. [...] Igual eu tô falando, eu tenho 7 alunos que tão fazendo tratamento no CRESCER, por causa de droga já, eles pulam a janela, a mãe dorme, tranca tudo, eles pulam a janela de noite, quando vai ver a Guarda Municipal devolve, 3 da manhã, 4 da manhã, chega no dia

seguinte a mãe obriga ir pra escola. (Depoimento de Eliene dos Santos apud PÁDUA; TORRES, 2017, p. 6).

O esforço da equipe pedagógica e dos professores da Escola Bento Rodrigues aos poucos foi conseguindo, ao menos pontualmente, alterar tais reações traumatizadas. Assim, por exemplo, um ano após o rompimento da Barragem, no dia 5 de novembro de 2016, quando a comunidade de Bento Rodrigues se reuniu no Centro de Convenções de Mariana, a Escola apresentou um teatro feito com os alunos sobre o ocorrido, além de trabalhos elaborados pelos alunos no decorrer do ano letivo de 2016, destacando a história do subdistrito; foram também expostos quadros sobre os lugares e objetos que expressavam memórias. A preocupação com a perda do lugar, dos objetos, dos documentos, fotografias, enfim das referências dos moradores se misturavam ao sentimento de perda da sua história:

O terceiro ano da escola fez um baú de memórias. É a mesma turma de Thiago, de 7 anos, que morreu sufocado pela lama e foi homenageado na exposição. Cada aluno relembrou sua história no Bento guardando suas lembranças em pequenas caixas personalizadas. ‘Os estudantes reclamavam que a história deles tinha acabado. O trabalho mostra o contrário’, explica a diretora. Nas caixas, objetos que as crianças conseguiram salvar da lama. Muitas não tiveram tempo de pegar nada quando fugiam do mar de lama, e as recordações foram retratadas em desenhos (FERREIRA, 2016)

Efetivamente, “A oralidade reconstrói a memória a partir de indicadores concretos. A gente lembra alguma coisa, mas a lembrança é muito mais forte quando temos os indicadores, seja ele uma foto, um objeto, uma música e, até mesmo, um passeio por determinado espaço” (SALES; SIMON, 2019).

Esses encontros foram se repetindo, ano após ano, como forma de fortalecimento da identidade da comunidade a partir das atividades escolares. A cada ano novos projetos foram apresentados e os alunos da escola, junto com os professores, vêm rememorando e recriando ações para ajudar os estudantes a refazerem a sua trajetória, a partir do tema “Bento passado, presente e futuro”, sempre buscando respeitar a individualidade, o tempo e o espaço de cada aluno e cada passo do processo.

Houve também necessidade de se procurar estabelecer um diálogo com as famílias dos alunos e outras pessoas moradores da comunidade do Bento e que mantêm contato com os estudantes. Isso porque tais sujeitos podem ter apreciações distintas sobre as questões sensíveis acionadas pelo professor em sala de aula.

Como são questões controversas, há sempre uma grande dificuldade para interpretar os acontecimentos e como os grupos envolvidos podem tecer explicações variadas e até divergentes sobre eles. Aí reside justamente o papel de uma reflexão histórica, promovida no interior do espaço escolar (não apenas entre alunos e professores, mas com toda comunidade vinculada à Escola) acerca de informações abalizadas sobre os eventos e processos que envolvem a vida social, incidindo direta ou indiretamente sobre a comunidade escolar, bem como das referências identitárias do lugar para seus moradores e de como os interesses externos podem interferir, trazendo novas vivências, perspectivas e valores que desorganizam um modo de vida. Tais alterações são do interesse da comunidade? Para todos ou só para alguns? Se a mudança é uma dinâmica inerente ao processo histórico, qual o papel dos agentes sociais em atuar sobre elas, aderindo, resistindo, conduzindo, transformando as próprias mudanças?

O rompimento da barragem de Fundão nos mostrou que o direito à informação é o primeiro a ser intensamente violado em áreas de mineração. As empresas não tinham cumprido, em nenhum momento, com os protocolos de segurança necessários para a instalação de minas e barragens, que são os de informar sobre os lugares próprios para a mineração, quais os riscos envolvidos e como se preservar deles. No próximo depoimento, a falta de informação sobre o que é uma barragem soma-se à falta de informações sobre como lidar com um espaço de vivência da comunidade no momento em que ele se torna uma rota de fuga. Não existiam treinamentos de segurança em Bento Rodrigues. A Comunidade fugiu da lama correndo pelos caminhos que conheciam pelo uso cotidiano do espaço. Foram os habitantes do lugar que escolheram suas rotas para fugir da lama, mas as rotas do dia a dia não são necessariamente aquelas que poderiam salvá-los da catástrofe. (MAIA; SILVA, 2019, p. 64)

Outro elemento de grande importância, diretamente associado à singularidade do conhecimento histórico, é a relação entre as respostas conferidas a tais indagações e sua fundamentação nas relações de poder (econômico, político, cultural etc.) vigentes na localidade cuja experiência está sendo discutida. A historicização dessas relações pelos estudantes, com suas mudanças e permanências, sua dimensão estrutural e suas resistências conjunturais, até incidentais, irão contribuir decididamente para que as posições inicialmente verbalizadas possam ser questionadas pelo próprio sujeito que as enunciou, sendo complexificadas e/ou modificadas.

Nas aulas de história na Escola Municipal Bento Rodrigues, já debatíamos, mesmo antes do rompimento da Barragem, sobre a história da comunidade ou como o processo de mineração vai modificando vidas e paisagens. Após o crime, o interesse em

estudar a história de Bento Rodrigues aumentou e a maioria dos alunos se sentia parte desse processo que estava sendo narrado e refletido. Falar de história e patrimônio em uma comunidade desterritorizada e reterritORIZADA em um novo contexto incorre, inquestionavelmente, em uma abordagem de questões sensíveis,

Há uma preocupação por parte de professoras e professores em manter viva a identidade sociocultural desses sujeitos. Especialmente porque no futuro os habitantes serão reterritorializados. E a escola é, sem dúvida, um espaço propício para ampliar essas discussões, trazendo para as práticas escolares não só o resgate da identidade campesina da antiga escola e da comunidade, mas também discussões políticas e econômicas sobre a construção desse novo território. (Hunzicker, 220, p.100).

O estudo histórico, assim, caracteriza-se por focar a pluralidade de versões sobre a experiência vivida, inclusive na contemporaneidade; no âmbito escolar, seu objetivo principal é que os alunos consigam expressar seus pontos de vista de maneira a se identificar como agentes de sua história.

Todavia, para que tal enunciação ocorresse, percebi ser importante que eu também, como professora, me expusesse, apresentando (sempre de forma muito respeitosa) meus pontos de vista, e os justificando com amparo das análises históricas. Efetivamente, é fundamental, na abordagem de questões sensíveis, que os professores se disponham a assumir tais riscos, como destaca a pesquisa de Verena Alberti: “O problema dos temas sensíveis é que eles não são fáceis de tratar em sala de aula – aliás, em lugar nenhum. Imagine-se um professor de história que resolvesse trabalhar esse assunto em escolas bem próximas de onde ficava o muro⁴. Ele se arriscaria bastante, e é disso que se trata quando um professor opta por essas questões.” (ALBERTI, 2014, p. 2). Contudo, só nessa exposição compartilhada ao sensível um docente poderá obter a confiança do alunado quanto à importância do diálogo ao qual ele os convida, firmando-se no papel de mediador do conhecimento.

Conclusão

Os sujeitos da Escola Bento Rodrigues, que passaram por tal processo extremado de desterritorialização, demandam estratégias e fundamentações pedagógicas que lhes possibilitem pensar seus medos, suas aspirações, suas indignações; que nomeiem suas

⁴ A autora se refere ao muro que formava a fronteira quando tentavam passar da antiga Alemanha Oriental para a Ocidental.

propensões ao conformismo ou a uma postura contestatória e revolucionária. A abordagem de questões sensíveis no ensino de História é uma dessas alternativas.

Por isso, é importante que as escolas não insistam em adotar um currículo fixo e “universalista”, alheio aos desafios cotidianos vivenciados por seus integrantes. Caso isso ocorra, os alunos tendem a sentir-se cada vez mais alijados do espaço escolar como *locus* de produção de sentido para suas vidas. Podem até mesmo buscar algum tipo de conforto psíquico em situações de dependência química (como o álcool ou outras drogas). Podem até ocorrer casos de depressão e até suicídio.

Um grupo bem sensível também sofre as consequências da lama da Barragem do Fundão. Mais de 82% das crianças que fizeram parte do estudo preencheram critérios para transtorno de estresse pós-traumático. Nos adultos, esse diagnóstico envolveu 13,9% de mulheres e 8,6% de homens. Segundo o relatório da UFMG, o adoecimento da população não é um fato isolado e está conectado com estresses e processos de sofrimento social que as famílias têm vivenciado. ‘Estudos têm mostrado que as lembranças do ocorrido nas tragédias podem tornar-se profundamente vivas na memória, levando a respostas pós-traumáticas. As doenças físicas crônicas, as preocupações com os meios de subsistência, a perda de emprego, a ruptura de laços sociais e as preocupações com as indenizações foram associadas a respostas pós-traumáticas’. (OLIVEIRA; SILVA, 2018).

Ao inserirmos a abordagem de questões sensíveis no ensino de História na Escola Municipal Bento Rodrigues, consideramos indispensável que continuemos ouvindo, registrando e divulgando as vivências dessas pessoas que sobreviveram a tudo isso. Minha contribuição pessoal, agora que inicio o Mestrado em História, é transpor tais verbalizações promovidas em sala de aula à condição de testemunhos orais, no reconhecimento do necessário protagonismo da voz dos que foram diretamente atingidos pelo crime ambiental em Bento Rodrigues e que apesar das injustiças e das tentativas de silenciamento, insistem em querer se fazer ouvir, reivindicando escutas que são também alianças em suas práticas de resistência.

Referências:

ALBERT, Verena. **O professor de história e o ensino de questões sensíveis e controversas.** COLÓQUIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL E SENSIBILIDADES, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte. Conferência de abertura. 17-21 nov. 2014.

BECHLER, Ribeiro; PEREIRA, Júnia Sales. **Ouro Preto de todos os tempos: sentidos e efeitos do patrimônio na condição histórica da cidade.** Revista *História Hoje*, v. 3, n. 6, 2014.

BIESDORF, Rosane Kloh. O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 5, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/20432>. Acesso em: 12 maio 2023.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-8, 2002.

FALAIZE, Benoit. O ensino de temas controversos na escola francesa: os novos fundamentos da história escolar na França? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 11, p. 224-253, 2014. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306112014224>. Acesso em: 21 maio 2023.

FERREIRA, Pedro. Alunos de ex-escola de Bento Rodrigues encenam peça para homenagear povoado. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 06/11/2016. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/11/06/interna_gerais,821363/historias-surgidas-da-lama.shtml#ancora_galeria1. Acesso em: 21 maio 2023.

HUNZICKER, Adriane; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; SANTOS, Marcelo Loures a escola como fator de desterritorialização dos povos atingidos pelo rompimento da barragem do fundão: desafios para a Escola de Bento Rodrigues. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 80-105, mai.-ago. 2020.

ICOMOS BRASIL. **Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues**. Belo Horizonte, maio 2019. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wpcontent/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

MAIA, Andréa C. N.; SILVA, Regina H. A. da. A sirene que não toca: memórias sobre ruínas e desocupação de uma cidade mineradora. **História Oral**, v. 22, n. 2, p. 58-73, jul.-dez. 2019.

OLIVEIRA, Júnia; SILVA, Cristiane. Estudo revela prevalência de depressão entre atingidos pela tragédia de Mariana. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 13 abr. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/04/13/interna_gerais,951389/estudo-revela-prevalencia-de-depressao-entre-vitimas-de-mariana.shtml. Acesso em: 21 maio 2023.

PADUA, Karla Cunha; TORRES, Marco Antônio. Mudanças na paisagem e a escola na memória da diretora da Escola Municipal Bento Rodrigues. **ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL**, 12. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://www.sudeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1507816885_ARQUIVO_textocompleto.versaofinal.pdf. Acesso em: 15 maio 2023

PARREIRAS, Juliana Gomes; CÂMARA, Talita Moreira; SOUZA, Maria Eunice Paula de . A construção do novo Bento Rodrigues e os desafios da retomada do modo de vida dos atingidos e atingidas pela barragem de Fundão. **Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/forumpatrimo/article/view/34070>. Acesso em: 10 maio 2023.

SALES, Roberta; SIMON, Olga Rodrigues de Moraes von. Memória e o direito de esquecer. **Jornal da Unicamp**, 7 jun. 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/06/07/memoria-e-o-direito-de-esquecer>. Acesso em: 25 maio 2023.